

COSTURANDO RETALHOS: AGRICULTURA, CIÊNCIA E POLÍTICA NA DEFESA DA PRODUÇÃO TRADICIONAL E AGROECOLÓGICA DE ERVA-MATE

*SEWING PATCHWORK: AGRICULTURE,
SCIENCE AND POLICY IN DEFENSE OF
TRADITIONAL AND AGROECOLOGICAL
YERBA MATE PRODUCTION*

Ana Lúcia de Oliveira

analid.oliveira@gmail.com

Mestranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2993-458X>

RESUMO

O trabalho trata principalmente da aproximação entre a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária e os Sistemas Tradicionais de Produção de Erva-Mate, ambos localizados na região Sul do Brasil. Usa a erva-mate como ponto de partida, debruçando-se sobre diversos temas que ela reúne em torno de si. Busca, assim, descrever desde o seu cultivo e processamento até as influências do mercado consumidor e da pesquisa científica sobre esse produto. Usa como referência para isso o material etnográfico coletado durante a participação em reuniões e seminários sobre a temática, bem como as recordações de entrevistas e conversas informais. Interessa-se, simultaneamente, por agricultura, ciência e política. Buscando olhar diretamente para os encontros, analisa as relações travadas entre pesquisadores, agricultores e gestores quando reunidos em um coletivo. Atento aos diversos agenciamentos, tenta decodificar dialetos, discursos e falas, visualizando como são forjadas conjuntamente as noções de tradição e agroecologia.

Palavras-chave: Embrapa. Sistemas Tradicionais de Produção de Erva-Mate. Agroecologia.

ABSTRACT

This article is mainly about the approximation between the Brazilian Agricultural Research Corporation and Traditional Yerba Mate Production Systems, both located in Southern Brazil. It takes yerba mate as a starting point, in order to discuss several themes that is gathers around itself. It aims, therefore, to describe its cultivation, processing and the influence of consumer markets and scientific research on this product. It draws on ethnographic material collected during participation in meetings and seminars on the topic, as well as on recollections of interviews and informal conversations. It is simultaneously interested in agriculture, science and politics. Looking directly at the meetings, it analyzes relations among researchers, farmers and managers when gathered

collectively. Attentive to the various agencies, it tries to decode dialects and speeches, visualizing how the notions of tradition and agroecology are jointly composed.

Keywords: Embrapa. Traditional Yerba Mate Production Systems. Agroecology.

INTRODUÇÃO

Desde o seu surgimento, em 1973, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) passou por sucessivas mudanças no seu quadro e funcionamento. A partir da década de 1990, entretanto, as transformações intensificaram-se e a Embrapa passou a adotar uma organização institucional bastante diferente, além de novas diretrizes de pesquisa orientadas em grande medida por uma legislação que tratava do reconhecimento do *conhecimento tradicional* [1]. Esse novo marco legal orientou mudanças significativas na política de ciência e tecnologia para o setor agrícola brasileiro em geral, alterando também o desempenho de instituições públicas de pesquisa, bem como o espaço para a atuação da própria Embrapa. Impôs-se, a partir de então, a necessidade de se colocar a temática do *conhecimento tradicional* [2] na pauta dos seus projetos. E, em resposta a isso, a Embrapa passou a adotar algumas diretrizes de pesquisa relacionadas à agricultura tradicional. Mas essa transformação não tem acontecido facilmente, nem de forma homogênea nas atividades práticas da instituição. A inserção do tema do *conhecimento tradicional* na sua agenda de pesquisas não se deu sem contradições, disputas e conflitos (SANTONIERI, 2015).

É dentro desse contexto que este artigo se insere. Derivada de uma experiência etnográfica de curto período, realizada entre fevereiro e março de 2018 junto a pesquisadores da Embrapa e produtores de erva-mate reunidos na cidade de Curitiba, a pesquisa teve como porta de entrada um dos projetos desenvolvidos atualmente pela Embrapa Florestas relacionado ao tema do *conhecimento tradicional* associado à agricultura familiar, denominado *Uso e Conservação da Araucária na Agricultura Familiar: o papel da erva-mate e dos sistemas tradicionais de manejo florestal na restauração da Floresta com Araucária* (ARAUCA2). Um dos principais objetivos deste artigo, portanto, é analisar como se dá a aproximação entre a Embrapa e os Sistemas Tradicionais de Produção de Erva-mate pragmaticamente. E, além disso, apontar quem mais participa e interfere nessa relação. Olhando diretamente para os encontros, analiso as relações travadas entre pesquisadores, agricultores e gestores quando reunidos. Tento, assim, decodificar dialetos, discursos e falas, visualizando como são forjadas conjuntamente as noções de *tradição* e *agroecologia*.

Ao mesmo tempo, procuro descrever também um contexto mais amplo que recoloca os envolvidos dentro do espaço geográfico em que se situam e do contexto econômico e político que os engloba: a região Sul do Brasil, marcada por especificidades locais. Para isso, centro a análise na erva-mate – mais especificamente a erva-mate produzida no Planalto Norte Catarinense e no Centro Sul do Paraná – tomando-a como ponto de partida. Busco, assim, descrever desde o seu cultivo e processamento até as influências do mercado consumidor e da pesquisa científica sobre esse produto. Pretendo fazer ver, ao longo do texto, tudo o que ela reúne em torno de si – em interações interespecíficas e também nas relações humanas – mobilizando ao seu redor agricultura, economia, tradição, ciência e política.

Mas assim como a compreensão da ecologia convencional demanda um olhar atento para as espécies e para o ambiente, bem como para as interações aí presentes, uma ‘ecologia das práticas’, no sentido dado por Stengers (2003), também pede atenção ao que compõe o coletivo, às diversas interações – harmônicas ou desarmônicas – e ao ambiente físico e cultural. Só assim é possível

entender o que permite a sobrevivência das espécies e a manutenção do sistema. O que pretendo, nesse sentido, é fazer ver, através da narrativa, como diferentes ‘agenciamentos’ se mantêm agrupados, como se constitui esse ‘coletivo’ amorfo, híbrido e provisório, sempre em vias de expansão (LATOURE, 2012).

O texto começa, então, com uma ficção. Na primeira parte, através de um exercício de imaginação, tomo a perspectiva da própria erva-mate, descrevendo o caminho que ela percorre e as relações que ela estabelece desde o seu cultivo até o seu consumo. Em seguida, apresento a perspectiva da Embrapa, em seu esforço por caracterizar, explicar e valorizar os sistemas tradicionais de produção de erva-mate. Na terceira parte, descrevo uma reunião específica que agregou diferentes atores em torno dessa mesma temática, o *IV Seminário: Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate*. E, por fim, faço algumas reflexões sobre possíveis alianças que se forjam na diferença, baseadas na ideia de ‘multiplicidade’, e não uniformidade.

ERVA-MATE E ARAUCÁRIA: IMAGINANDO UMA (AGRO)FLORESTA

Região Sul do Brasil. Divisa dos estados do Paraná e Santa Catarina. Planalto. Região úmida e fria. Bioma da mata atlântica. Ecossistema da *floresta ombrófila mista*. Nas florestas e nas roças, a vida se faz na terra. Convivem aí as plantas, os animais, os homens, os fungos, as bactérias e os vírus. Compartilham o solo, o clima, o relevo e a água. Participam cotidianamente de competições alimentares, de disputas por território, de performances de dança e de jogos de sedução. Rodeada por tantas coisas vive a erva-mate. Pequeninha, enclausurada ainda em semente, de dentro do solo – junto com minhocas, besouros e formigas – projeta as suas raízes para baixo e seu caule para cima. Suas irmãs mais velhas, constituindo-se em mudas, espreitam ainda rente ao solo um raio de sol que atravessa lá em cima a copa das araucárias, alcançando-as brevemente para depois ser desviado novamente pelo balanço dos galhos e das folhas movidas pelo vento. Respiram satisfeitas o ar fresco, aliviadas por não terem sido queimadas pela insolação excessiva. Nesse período, são extremamente sensíveis ao sol. Mas aos poucos os seus caules vão crescendo e suas folhas surgindo e avolumando-se. Passam a ser usadas como escorregador e trampolim pelos insetos. Servem ainda como alimento para as lagartas e para os besouros. A planta alcança certa altura. Suas flores desabrocham e participam de danças diárias com abelhas, moscas e vespas, que saem de suas pétalas completamente cobertas de pólen e voam rumo ao encontro de outra flor, de outra planta. Fecundam-se. De repente, um fruto dá as caras. A bolinha vermelho-arroxeadada recém-amadurecida é arrancada abruptamente da mãe, devorada. As novas sementes viajam num sobrevoos, trancafiadas dentro do estômago de sabiás e sanhaços, até que são digeridas e despejadas mais adiante. Caindo da altitude, chegam de novo no solo. Escondendo-se enterradas na terra quente e úmida voltam a encontrar suas companheiras minhocas, a germinar e a crescer.

Enquanto isso assiste tudo de cima a araucária, aproveitando o seu banho escaldante de sol. Essa é uma planta que adora a luz. Forma, por isso, o estrato mais alto da floresta. Cresce ininterruptamente, podendo alcançar quando adulta até cinquenta metros de comprimento. Gigante em altura, a araucária tem também largo diâmetro e casca grossa. Vive por muito tempo, podendo ultrapassar duzentos anos de idade. Seu tronco reto e comprido ramifica-se apenas no topo. Lá de cima, sente o vento bater firme em sua copa, balançando suas folhas verde-escuras e carregando para longe grandes quantidades de pólen. Estabelece através dele contatos sexuais com seus pares. Não se preocupa em produzir

frutos. Concentra-se, entretanto, na produção de uma semente extremamente nutritiva, o pinhão, que é usado como alimento por diversas espécies animais que vivem também na floresta, convivendo no mesmo espaço. Recorrentemente, um bando de aves barulhentas se aglomera nos galhos das árvores mais altas. As gralhas-azuis chegam voando em busca de comida. Os serelepes escalam até chegar ao topo da árvore. Abrem uma pinha, comem alguns pinhões. Mas ainda que satisfeitos, as gralhas e os serelepes estocam parte dos pinhões para se alimentarem mais tarde, enterrando-os. Com a sua ajuda novas árvores são plantadas.

Veza ou outra um boi, uma vaca ou outro quadrúpede passeia por entre as erveiras. A certa altura, reconhecem todos uma figura familiar. Chega o agricultor com seus instrumentos de trabalho. Colhe alguns frutos já maduros. Arranca árvores, arbustos e folhas mortas. Deposita os restos sobre o solo, cobrindo-o com uma manta e protegendo-o contra a erosão imposta pelas águas que correm ligeiras depois da chuva. Em uma época específica do ano, entre os meses de abril e setembro, ele realiza grandes podas nos ervais. Feito o corte das folhas, tem início o seu *processamento*. Ainda na propriedade rural, elas recebem o primeiro choque térmico, logo após a colheita. São expostas às chamas de uma fogueira que é feita muitas vezes nas proximidades do erval. Esse procedimento é denominado *sapeco* e tem o intuito de retirar a sua umidade superficial. Depois disso, as folhas são secadas novamente, agora por fogo indireto. O processo de *secagem* retira toda a umidade restante, desidratando-as. Além da *secagem*, é feita também a *moagem* da erva. Utiliza-se, para isso, facão, pilão, soque ou cancha. Quando a erva está triturada e seca, seu nome passa a ser erva-mate *cancheada*.

Essa erva-mate é, então, vendida para as *ervateiras*. O caminhão cheio de erva sai rumo à cidade. Tudo permanece ali como estava. As folhas das erveiras se regeneram. Dançam abelhas e flores. Os frutos pequenos crescem e os verdes amadurecem. Os pássaros chegam e saem junto com o vento. As folhas moídas da erva-mate continuam, entretanto, o seu caminho. São transportadas das roças até as indústrias. Tem início, a partir daí, o ciclo do *beneficiamento* da erva. Na indústria, as folhas são *peneiradas*, *misturadas* e *empacotadas*. Confundem-se umas com as outras, recebem adição de substâncias. Algumas passam ainda pela *torrefação*. A erva-mate recebe a partir daí diferentes nomes. Transforma-se em *chimarrão*, *tereré* ou *chá-mate*. Passa a pertencer a determinada marca e a carregar consigo diversos selos. Já dentro das embalagens a erva-mate é transportada mais uma vez, agora rumo às feiras e aos mercados. Lá, encontra-se com diversas outras espécies, transformadas, assim como ela, em produtos. É trocada novamente por dinheiro. Cada embalagem vai, então, para um lugar diferente. Um passam a habitar potes metálicos guardados nos armários embutidos dos apartamentos da capital. Outras retornam às roças. Reconhecem na chegada quem as produziu, suas irmãs que ainda estão de pé e os outros companheiros de moradia. Avistam de longe as araucárias.

No fim, todas elas acabam na *cuia*. Encharcadas com água quente ou gelada, desintegram-se. Fazendo-se, então, líquidas percorrem todo o caminho delineado pela *bomba*. E depois, dentro do corpo humano, passeiam pelo sistema digestivo. Suas moléculas se dissipam pela corrente sanguínea, indo ao encontro de outras moléculas, ligando-se a elas, efetuando reações químicas, gerando transformações hormonais. Estimulam o sistema nervoso e muscular. Amplificam a capacidade dos humanos de desenvolver atividades físicas e mentais. Auxiliam também na digestão, na respiração e na circulação. Permanecem por um período prolongado no corpo, perpetuando seus efeitos, até que começam a perder força. O ritual de ingestão da erva-mate, entretanto, sempre se repete. Seja na roça ou na cidade, utiliza-se dos mesmos instrumentos. Reúne

pessoas em torno de si. Diminui o ritmo do tempo durante a sua preparação e desacelera as falas das conversas enquanto é compartilhado. Foi assim desde quando a região sul do Brasil era habitada predominantemente por povos indígenas. O consumo da erva é uma *tradição regional*.

Nesses tempos remotos, a araucária também já existia. Espalhava-se pelos planaltos em quantidade infinitamente maior. Suas sementes serviam, assim como as folhas de erva-mate, de alimento para as populações humanas. Sofreu mais tarde exploração intensa da indústria madeireira, tornando-se o principal produto de exportação da região. Viu nos últimos tempos, entretanto, seu ambiente nativo ser devastado. Com a drástica redução da *mata com araucária*, essa espécie se viu ameaçada. Entrou na lista de espécies em extinção. Teve o seu corte proibido por lei. Apesar de tudo isso permaneceu resistindo. Continua presente nos remanescentes das florestas nativas e tem sido plantada nos *sistemas agroflorestais* recentes. Convive nesses ambientes com diversas espécies e, em especial, com a erva-mate. Parceiras de longa data, essas duas plantas sobreviveram e se perpetuaram concomitantemente. Alimentaram as antigas populações locais. Revezaram-se no protagonismo dos ciclos econômicos paranaenses. Hoje, participam juntas da composição da bandeira do estado. Mas são fundamentais também para a compreensão do contexto local. Elas não só compõem a paisagem, como também influenciam os hábitos e costumes, impondo diferenças regionais importantes. Ligam-se, ao mesmo tempo, à tradição e à cultura e participam da sua difusão no restante do país e do mundo. Reúnem, por fim, em torno de si, agricultura, ciência, política.

TRADIÇÃO E AGROECOLOGIA: A EMBRAPA E A PRODUÇÃO DA ERVA-MATE

Como foi dito anteriormente, o projeto *Uso e Conservação da araucária na agricultura familiar: O papel da erva-mate e dos sistemas tradicionais de manejo florestal na restauração e conservação da Floresta com Araucária* (ARAUCA2) foi a porta de entrada dessa pesquisa etnográfica. Fui a campo primeiro com o intuito de entender como esse projeto funcionava na prática. Descobri, então, que existem linhas de pesquisa específicas dentro da Embrapa que possibilitam a realização de empreendimentos como este. O projeto ARAUCA2 insere-se no *macroprograma* [3] 6 da Embrapa, denominado *Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura Familiar e à Sustentabilidade do Meio Rural*. Com foco na produção de erva-mate, ele parte da caracterização e comparação dos diversos sistemas de manejo, atendendo inclusive às demandas dos próprios produtores pela caracterização dos *sistemas tradicionais e agroflorestais* de cultivo. Parte, assim, de uma aproximação com os agricultores que produzem a erva-mate na região do Planalto Sul brasileiro, buscando incorporar o seu conhecimento àquele cientificamente produzido, ao mesmo tempo em que pretende valorizar esse tipo de manejo. Nesse sentido, tudo o que é aqui apresentado sobre a erva-mate tem como embasamento o conhecimento produzido a partir do relacionamento e do diálogo estabelecido entre os pesquisadores e os agricultores envolvidos no projeto. A argumentação desenvolvida baseia-se, essencialmente, nos princípios que o norteiam. Cabe destacar, entretanto, que o uso de termos técnicos remete, é claro, à conceituação científica.

Segundo meus interlocutores de pesquisa, a erva-mate é uma espécie *nativa* da região Sul do Brasil. Ela nasce tanto em florestas como em pastagens e o seu plantio pode ser *agroflorestal* – em *consórcio* com outras espécies – ou *solteiro*. Se cultivada, a erva-mate pode compor diferentes *sistemas de produção*: *erva-mate a pleno sol*; *sistemas agroflorestais*; e *sistemas tradicionais* de

manejo. Alguns destes contam com a presença animal nos ambientes de floresta. São eles: a *caíva* (propriedade individual) e o *faxinal* (de uso coletivo), denominados genericamente como *sistemas agrosilvipastoris tradicionais*. Em média, paga-se o mesmo preço na erva produzida pelos diferentes sistemas. Mas dentro dos diferentes tipos de cultivo, destacam-se dois modos de plantar antagônicos: a *monocultura* e a *agrofloresta* que produzem, respectivamente, *erva-mate a pleno sol* e *erva-mate sombreada*. O cultivo da erva livre de *insumos químicos* é denominado *orgânico*.

O Brasil é também um grande produtor de erva-mate. O Paraná e Santa Catarina são os estados brasileiros que concentram a maior parte da produção. Já o Rio Grande do Sul produz menos, mas é um grande mercado consumidor. Assim, concentra em si as indústrias e as marcas, comprando a erva-mate produzida nos outros dois estados antes do fim do *processamento*, a erva-mate *cancheada*, de pouquíssimo valor agregado. Ainda assim, ela é uma importante fonte de renda das famílias de agricultores dessa região do Brasil. O maior produtor do mundo, a Argentina, desenvolve uma produção mecanizada, plantada *a pleno sol*. Os agricultores tradicionais do Centro-Sul do Paraná e do Planalto Norte Catarinense, ao contrário, produzem *erva-mate sombreada, orgânica e agroecológica* proveniente em sua maioria de *ervais nativos*.

O *sistema tradicional de produção da erva-mate* se caracteriza, então, pelo uso de vários microambientes com diferentes características e pelo uso de espécies e variedades locais. São dotados de alta biodiversidade e complexidade ecológica. Assim, dependem fundamentalmente de um conhecimento profundo sobre a *floresta ombrófila mista*, ou *mata com araucária*, já que esse é o ecossistema regional onde se encontra naturalmente a erva. É que na verdade, como várias pessoas me disseram, “*os ervais não são só a erva-mate*”. Outras espécies botânicas e não botânicas compõem esse sistema, entre elas: a bracinga, o pinus, a araucária, os insetos polinizadores e os pássaros dispersores de sementes, além das lagartas e dos besouros. Algumas dessas espécies são tidas como *competidoras* ou *parasitas*. Aí também estão fungos e os *fatores abióticos* como a água, a luz, a temperatura, o solo e vento. Como em todos os sistemas ecológicos complexos, a *agrofloresta* comporta relações interespecíficas harmônicas e desarmonicas, de *simbiose* e de *competição*. Deve, portanto, basear seu manejo nas interações entre os seus componentes. “*Mas os agricultores sabem muito bem as espécies amigas, as espécies companheiras dentro da floresta*” (Francisco Paulo Chaimsohn, Instituto Agrônomo do Paraná). E o que diferencia dos outros sistemas é justamente o modo de fazer, o *manejo ambiental*. “*No caso da erva-mate, o manejo é que faz a diferença. Não tem porque se preocupar com espécies concorrentes, erva daninha, etc.*” (Maria Izabel Ramdoski, Emprapa Florestas). E os *sistemas tradicionais de produção de erva-mate* constituem ainda um exemplo importante de produção aliada à preservação ambiental. “*A gente tá falando de sistemas que estão ajudando a conservar a floresta com araucária*” (Francisco Paulo Chaimsohn, Instituto Agrônomo do Paraná).

Existem, entretanto, duas visões contraditórias acerca da erva-mate, que os pesquisadores chamam de *produtivista* e *conservacionista*. A *produtivista* é atrelada à lógica capitalista de mercado e vê a erva-mate como simples mercadoria, como matéria-prima para indústrias de médio e grande porte. Por isso, baseia sua produção em sistemas de alto rendimento, em grande parte das vezes *monocultivo* ou sistemas de produção com baixa biodiversidade, plantados a céu aberto e utilizando insumos químicos, como *agrotóxicos* e *herbicidas*. Contra essa tendência, emerge uma segunda visão, a *conservacionista*. Encarando a humanidade como parte da natureza e reconhecendo que a mesma tem limites para a sua exploração, os sistemas de manejo derivados dessa tendência con-

ciliam produção e conservação da biodiversidade. Estão fundamentados nos princípios agroecológicos de sustentabilidade econômica, ecológica, social, cultural e ética. Assim, baseiam a sua produção em *sistemas agroecológicos* complexos. O manejo da erva-mate na floresta – nos *sistemas tradicionais* – se pauta pelo respeito à ecologia das diferentes espécies. Assim, é uma alternativa de renda para os agricultores ao mesmo tempo em que ajuda na conservação da *floresta com araucária*. Apresenta como resultado um produto *diferenciado*, caracterizado por ter material genético não modificado, baixo ou nenhum uso de *insumos* e ser produto da agricultura familiar, esboçando assim um *saber fazer* histórico de diferentes gerações, etnias e culturas. Tem ainda a possibilidade de ser melhor valorizado economicamente, demonstrando uma tendência do mercado em criar setores de consumo específicos para tais produtos.

Mas em meio a um contexto de escassez de políticas públicas voltadas à produção tradicional e agroecológica da erva-mate e de uma indústria que absorve a produção da erva, dominando o mercado dos produtos dela derivados e concentrando em si a renda a ela vinculada, o grande desafio dos agricultores tradicionais, intensamente deliberado, é o de conseguir manter esse tipo de sistema e valorizar o produto dele resultante. E as estratégias para superar esse desafio estão sendo discutidas em reuniões e seminários já há algum tempo, juntamente com a realização de ações de outros tipos. A organização de tais eventos parte de uma mobilização social e conta com o apoio vindo de setores diversos, dentre eles o da ciência e da política. Em seguida descreverei o último seminário realizado sobre o assunto. Creio que os múltiplos agenciamentos e interesses poderão ser facilmente visualizados.

AGRICULTURA, CIÊNCIA E POLÍTICA: AGENCIAMENTOS DIVERSOS

O IV Seminário: *Sistemas de Produção Tradicionais e Agroecológicos de Erva-mate* aconteceu nos dias 14 e 15 de março de 2018 na cidade de Curitiba, como um dos seminários componentes de um evento maior intitulado *Viva Sem Veneno*. Sediado pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), sua promoção contou com a participação e apoio de diversas instituições de pesquisa, associações políticas e sindicais, entidades populares e órgãos de gestão pública. No início, parecia para mim qualquer outro evento acadêmico do qual eu já havia participado. Um auditório lotado, uma mesa na parte da frente com os palestrantes, palanque e microfone preparados. A não ser pela toalha de chita colorida estendida na mesa principal, pelos pacotes e embalagens de erva-mate espalhadas por ela e pelas garrafas térmicas e cuias, eu não tinha notado em princípio nenhuma diferença. Na platéia concentrava-se um grupo mais ou menos homogêneo, predominantemente masculino, vestido em sua maioria com a camiseta do próprio evento, que estampava: *Agrotóxicomata*.

Fiquei surpresa quando percebi a satisfação de um dos primeiros palestrantes que disse, logo no início da sua fala: *“A maioria das pessoas que estão aqui são gente lá da roça, assim como eu sou”* (Valdir Roque Dallabrida, Universidade do Contestado). E, depois, mais adiante, quando Ednilson Pereira Gomes, do Instituto Agrônomo do Paraná, pediu no microfone para que se levantassem aqueles que haviam ido para o evento em uma *caravana*. Como resposta a maioria do auditório se colocou de pé. O lugar onde pairavam anteriormente meia dúzia de chapéus de palha, os quais eu não havia dado importância significativa, era composto em sua maioria por agricultores jovens e velhos, pessoas que se autodenominam *produtores tradicionais de erva-mate*

e haviam saído de suas roças no interior do estado indo de ônibus até a cidade de Curitiba para participar do evento.

A partir daí as discussões tomaram outro tom. A fala de Ednilson apresentava como slide de abertura as palavras: *o caminho e a caminhada*. Relembrava o histórico de luta dos agricultores familiares da região. Usava como metáfora uma *colcha de retalhos*. Dizia que essa colcha precisava sempre de mais retalhos e que nela os retalhos eram multicolores. Assim, tinha espaço para todas as cores. Terminava enfatizando que o foco principal do evento era os agricultores, dizendo que as pesquisas não pretendiam *fazer para eles*, mas *fazer com eles* e que esse seria, na verdade, o grande desafio.

Ao longo dos dois dias de seminário, diversas estratégias de atuação foram discutidas com o objetivo de superar do desafio de manter o *sistema tradicional de produção de erva-mate* e valorizar o produto dele resultante. Um dos pontos importantes discutidos dizia respeito aos *signos distintivos* voltados ao consumidor, aqueles que geram informação para a orientação da compra. Segundo apresentação do palestrante vinculado ao Ministério do Meio Ambiente, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Diego Ghendini Gheller, “*não existe negócio sem identidade*”. A questão seria saber “*qual é a identidade da nossa erva*”. Já que, “*a gente não consegue conversar com o consumidor ainda*”. Seria necessário, então, desenvolver mecanismos para que as informações específicas desse tipo de erva-mate chegassem até o consumidor. Dentre as ações discutidas, destacava-se a possibilidade de criação de uma *Indicação Geográfica (IG)* e/ou de uma *Marca Coletiva (MC)* da erva-mate produzida na região. Dois selos que poderiam inclusive ser usados concomitantemente. Esses dois mecanismos têm como objetivos principais: a proteção dos consumidores e produtores, a melhora da organização dos produtores; a agregação de valor e ampliação do mercado para o produto e a valorização dos territórios. Mas a IG, segundo argumenta Diego, vai muito além da proteção e da informação do consumidor, na medida em que pode ser considerada uma das ferramentas do *desenvolvimento local*. Em resumo, a IG faria a triangulação entre três elementos: “*É um selo que vincula pessoas, lugares e produtos*”.

Uma *Marca Coletiva* também serviria para identificar os produtos de uma associação de produtores, mas, ao contrário da *Indicação Geográfica*, não o vincularia com o lugar de produção. O procedimento seria mais rápido e menos burocrático. Foi em função disso que Izabel Ramdoski, pesquisadora da Embrapa Florestas, apresentou durante o evento uma *Proposta de Construção da(s) Marca(s) Coletiva(s) ‘Erva-mate Agroecológica’*. Segundo a apresentação da pesquisadora, a *marca coletiva*, além do aspecto socioeconômico, serviria para atestar a conservação da biodiversidade, da água e do solo e, ainda, dos aspectos socioculturais e ambientais envolvidos no processo de produção da erva-mate na região. Ainda assim, ela poderia destinar-se ao atendimento de um mercado específico e alcançar até um preço diferenciado. Para a construção da marca, entretanto, é de fundamental importância a organização das famílias e da comunidade. Os agricultores precisam estar engajados nisso. “*Não se constrói uma marca sustentável por instituições, sem a presença massiva dos produtores*” (Izabel Ramdoski, Embrapa Florestas). Em seguida, precisa-se definir o que é a *erva-mate agroecológica* por eles produzida e as normas a serem respeitadas nessa produção, bem como as regras posteriores para a sua comercialização. Esse é um trabalho conjunto, que tem como ponto de partida os próprios produtores. Mas existe um projeto para ajudar nessa definição, uma iniciativa das instituições de pesquisa para auxiliar os agricultores na construção e regulamentação da *marca coletiva ‘erva-mate agroecológica’* [4].

A discussão se abriu, então, em torno da melhor estratégia de atuação, frente aos limites impostos pela legislação. Um dos pesquisadores componentes

da mesa apontou: “*Não é só sobre cumprir procedimentos, esse é um espaço também para ser criativo*” (Marcos Borba, Embrapa Pecuária Sul). Segundo esse pesquisador, a régua que deve medir o produto não deve ser outra que não a dos próprios produtores. E eles precisam encontrar formas de valorizá-lo sem que a prática de manejo precise ser mudada, já que para ele não faz sentido mudar uma coisa que é feita há tanto tempo apenas para atender as normas impostas pela legislação. Nessa mesma linha, enfatizou-se a necessidade de se fazer algo que tenha a cara local. “*O que seria, então, o desenvolvimento?*” – tema também apresentado em palestra. Segundo a apresentação de Valdir Roque Dallabrida, da Universidade do Contestado, é algo que deve ter como foco o *território*. Alguma coisa que promova a *autonomia regional*. “*O desenvolvimento acontece no lugar e não no todo*”. É um *desenvolvimento endógeno*, que gera diversidade e não homogeneização. Isso porque, apesar da tendência à homogeneização resultante do processo de globalização atual, algumas transformações apontam para a *valorização dos ativos dos territórios*. A valorização parte, nesse sentido, da própria diferenciação. Depreende-se daí que a dimensão *território* é essencial para se avançar nessa discussão. Percebo, nesse momento, a relevância dessa noção.

A erva-mate agroflorestal e orgânica poderia ser considerada uma *vantagem competitiva diferenciadora* para o *desenvolvimento territorial sustentável*, já que a valorização do produto através da agregação de valor agiria como incentivo às propriedades produtoras. O selo seria consequência de um processo de interação. “*O selo per si e per se não vale nada, o que vale é o processo e a rede que se faz para a criação do selo*” (Marcos Borba, Embrapa Pecuária Sul). A ideia de desenvolvimento atrelada ao território é uma estratégia que atenta aos interesses locais, mas que para funcionar necessita de união social, de organização e de criatividade. E necessita também de articulação entre diferentes setores: produtores, pesquisadores, empresários e gestores. A organização social deve agir em consonância com políticas públicas que favoreçam e projetam esse tipo de desenvolvimento. O grande desafio é conseguir se organizar a partir de *ações coletivas*.

O que ficou claro a partir de toda a discussão e nas falas tanto dos pesquisadores como dos agricultores é que esse é um processo que necessita de base organizativa dos próprios produtores do mate. E, ainda, da formação de *redes* – com instituições de pesquisa e órgãos de gestão pública – que possibilitem que tudo isso realmente aconteça. “*Se não fosse a garra dos produtores, [o sistema tradicional de produção] estaria fadado à extinção*” (Ízabel Ramdoski, Embrapa Florestas). “[*Mas se não houver política pública, um certo esforço para conservar esse tipo de produção, ele vai acabando*”. Nesse momento um dos agricultores da platéia pediu a palavra e disse: “*Pra nós produtores tá faltando organização e coragem pra tomar a frente dessa luta. As instituições já estão ajudando. Se a gente tirar o atravessador do meio, nos juntarmos numa associação ou cooperativa, aí não precisa nem de selo*”. A platéia se empolgou e, na sequência, outro agricultor: “*E a gente precisa também investir, a gente precisa agora de alguma coisa mais concreta. Se não a gente vai depender a vida inteira. Investir pra pelo menos ter um secador decente*”. Sobre o mercado gaúcho e instabilidade do preço da erva-mate: “*Sabe que às vezes a gente tira da boca dos nossos filhos o chimarrão bom pra mandar pra lá. Eu queria deixar um recado para o povo gaúcho: o melhor chimarrão do planeta é produzido aqui*”. Ízabel enfatizou: “*E vocês não tem só erva-mate. Vocês têm muito mais coisa*”. As sementes criolas são um exemplo. Segundo ela, talvez fosse mais interessante pensar no sistema e não no produto. A pesquisadora aponta a erva-mate apenas como o ponto de partida. Em sua concepção, o ideal seria lidar com isso a partir da noção de *propriedades agroecológicas*, emendando: “*o produtor se apropria muito da porteira pra dentro, da porteira pra fora é mais difícil*”. “*Tá*

na hora de fazer a nossa voz ser ouvida”, diz outro agricultor apontando o ano de 2018 como estratégico por ser ano de eleição. Mas apesar das falas bonitas a hora já era avançada e as ações precisavam começar a ser encaminhadas. Cada instituição presente tinha um papel. Os agricultores também tinham o seu. Mas era preciso decidir pragmaticamente quais ações serão realizadas. Bernardo, secretário geral da Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul, já havia apontado no início do debate que precedeu os encaminhamentos: “não irmos mais pra seminário, se for pra voltar só com seminário”. Outras pessoas concordaram: “A gente precisa de coisa mais concreta dessa vez”. “Não podemos sair daqui marcando mais um seminário”.

Cabe lembrar, no entanto, que o ambiente descrito, apesar de ser de cooperação e de alinhamento ideológico, não estava livre de disputas. Como qualquer ambiente de ecologia complexa carregava dentro de si *relações harmônicas e desarmônicas*, aproximações e distanciamentos. Era composto por ‘agenciamentos heterogêneos’ relacionados a fatores diversos. Assim, recheava-se de controvérsias. É isso era visualizado facilmente, inclusive por mim. Os vários sotaques, as linguagens próprias e os diferentes jeitos de falar indicavam desde o princípio a composição heterogênea, a reunião de uma ‘multiplicidade’ que não poderia de nenhuma forma ser homogeneizada. Ao mesmo tempo, as falas adaptadas à compreensão geral não escondiam nem por um instante as divergências de opinião. A reunião terminou, entretanto, em tom de união, com a reza de uma versão especial do pai nosso. Lembrei-me, nesse momento, da primeira fala de Ednilson no seminário, no momento em que ele pede para que os agricultores se levantem. Lembrei da *colcha de retalhos*.

Todos: PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU...

Ednilson: *Pai nosso que estais também na terra, embora poluída e desrespeitada, que estais na nossa luta e nas tarefas diárias, que estais presente quando plantamos e quando colhemos, quando vendemos e quando comemos.*

Todos: SANTIFICADO SEJA O VOSSO NOME...

Ednilson: *Que o Vosso Nome seja santificado pela nossa união e solidariedade, seja santificado pelo nosso ideal e pela nossa vocação, seja santificado pela realização do Jubileu da Agricultura Familiar.*

Todos: VENHA A NÓS O VOSSO REINO...

Ednilson: *Que venha logo o Vosso Reino, para que os que têm fome do Alimento Sagrado, para os que têm sede de justiça, para os que estão na lista dos excluídos, para os que estão ameaçados, principalmente do poder econômico e que venha o Vosso Reino para todos os que lutam para viver em comunhão e ter vida em abundância.*

Todos: SEJA FEITA A VOSSA VONTADE, ASSIM NA TERRA COMO NO CÉU...

Ednilson: *É Vossa vontade que tenhamos mentalidade fraterna para sermos todos irmãos, sem haver excluídos. É Vossa vontade que dominemos a terra e tudo o que ela contém, sem destruí-la. Que seja feita a Vossa vontade em nossas comunidades, colocando os nossos bens a serviço de todos.*

Todos: O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE...

Ednilson: *Dai-nos hoje o Alimento Sagrado de cada dia, dai-nos força, coragem e sabedoria para produzir comida sem veneno e Viver em Comunhão, com a consciência tranquila. Dai-nos hoje o pão da amizade e a aliança com as gerações futuras, através do zelo e preservação da natureza que agora estamos demonstrando.*

Todos: PERDOAI NOSSAS OFENSAS, ASSIM COMO NÓS PERDOAMOS AOS QUE NOS TEM OFENDIDO...

Ednilson: *Perdoai nossa desunião, perdoai nosso medo do risco, nosso medo de perder e de partilhar. Perdoai nossas agressões ao meio ambiente, perdoai pelas vezes que envenenamos a comida dos nossos irmãos, pelo mal que causamos à terra com o uso abusivo de agrotóxicos e produtos químicos poluentes.*

Todos: E NÃO NOS DEIXEIS CAIR EM TENTACÃO...

Ednilson: *Não nos deixeis cair na tentação de separar Fé e Vida, de separar o Evangelho da Prática, de separar as palavras das ações. Não nos deixei cair na tentação de ficar indiferentes ou simplesmente aceitar as tecnologias da morte, de experimentar as sementes transgênicas. Não nos deixei cair em tentação de fingir ou de achar que os herbicidas, os inseticidas, os fungicidas químicos não prejudicam a natureza, nem a humanidade.*

Todos: MAS LIVRAI-NOS DO MAL...

Ednilson: *Livrai-nos do mal das guerras, das secas e das chuvaradas, livrai-nos do mal da indiferença, dos riscos da potência tecnológica que não respeita a vida, livrai-nos da opressão do poder econômico que nos escraviza, livrai-nos de todos os males Senhor Jesus.*

Todos: AMÉM. [5]

COLCHA DE RETALHOS: O COLETIVO REUNIDO

Falas que se amontoam, que se cruzam, que se cortam. Disputa e mesmo assim consonância, eco. De início, a descrição anterior parece não fazer tanto sentido. O discurso assemelha-se a uma confusão de vozes. Em um mesmo parágrafo reúnem-se ideias contraditórias e assuntos desconexos. Ouvem-se, simultaneamente, o revezamento das falas no microfone e o barulho da conversa de quem não concorda com o que o pesquisador, o técnico ou o amigo agricultor está falando lá na frente e conversa paralelamente na plateia. Mas uma reunião como essa não poderia fazer-se de outro jeito, sem contradições e sem disputas. Como qualquer evento político, de luta, as discussões são tão, ou talvez mais significativas, que os próprios encaminhamentos. É necessário dizer o que se pensa e marcar as diferenças. Ainda mais se o que se quer é construir alianças.

Mas do burburinho do começo, a gente escuta no fim do evento uma oração conjunta. Todo mundo reza. Independentemente de suas crenças – seja na ciência, na agricultura, em Deus, nos orgânicos, em comida boa ou erva boa para os filhos, em tradição, modernidade ou antropologia – a reunião termina com um discurso único. Uma fala comum, de quem *caminha* junto, de quem habita o mesmo *território*. Composto, é claro, por sotaques diferentes, dialetos próprios e linguagens específicas, tradicionais e científicas, jovens e adultas, de

homens e de mulheres, mas engajadas no mesmo propósito. O que essas pessoas querem é fazer ecoar essa voz. Uma voz que não é homogênea, mas que tem como intuito último defender e disseminar uma ideia vinculada à erva-mate agroflorestal e orgânica produzida na região Sul do Brasil. Seja lá qual for o interesse específico, é a erva-mate que une. Mais precisamente, a erva-mate produzida pelos *sistemas tradicionais* de cultivo.

Desde que cheguei a campo pela primeira vez, a política se fez não só facilmente visível, mas presente também nas falas dos meus interlocutores, de forma explícita. Ao mesmo tempo, o entrelaçamento entre ciência, política e economia era evidente, assim como a mediação efetuada pela agricultura, reunindo em torno de si produtores, instituições de pesquisa agrícola e órgãos de gestão pública ligados à agropecuária, além de marcas, indústrias e mercados. Todas essas coisas interpenetravam-se, formando uma ‘rede’ de influências recíprocas (STENGERS, 2002), um ‘emaranhado’ complexo (INGOLD, 2012) ou, ainda, um ‘coletivo’ heterogêneo (LATOURETTE, 2012). Não era passível, portanto, de unificação. Ao mesmo tempo, nada poderia ser apreendido de forma isolada. Era necessário, antes, situar-me em meio a tudo isso e encarar a ciência como um ‘acontecimento’ (STENGERS, 2003).

Aprender uma formação de natureza híbrida e transitória requer um esforço pragmático. Acompanhar tal movimento requer um movimento de ‘itinerância’, de perseguição. Significa seguir o ‘fluxo dos materiais’ para ver onde é que eles vão dar e o que é que vão formar, mesmo reconhecendo que com o tempo tudo estará modificado. Faz-se necessário, ainda, considerar a contingência. Reorientar as direções e os caminhos quando isso for necessário, improvisar. Em suma, trata-se de se juntar a esse movimento (INGOLD, 2012). Foi o que eu tentei fazer. Atenta às práticas e não só às ideias, vinculando conhecimento e experiência, procurei identificar modos de existência, devires, olhando diretamente para o que estava se fazendo pragmaticamente a partir dos ‘encontros’ (STENGERS, 2003).

Assim, cabe destacar que o meu movimento em campo foi também um ‘agenciamento’ dentre os tantos outros. Também participei das reuniões. Minha existência não era de forma nenhuma invisível ou imperceptível. Mesmo assim, consegui me juntar de certa forma a esse movimento, ora confluindo, ora causando desvios. Como resultado dessa experiência, o que esse texto pretende se tornar é também um ‘agenciamento’. Mais um. E não uma reprodução. Propondo uma aliança, busca não só entender analiticamente o contexto, mas dele participar. Cheio de pedacinhos, de *retalhos* de informação, escrevo o então texto como se tece uma ‘malha’, esperando que ele ajude a compor aquela *colcha multicolor* da qual falava Ednilson. Aceitando o desafio. Fazendo *com* eles e não *para* eles, o texto busca cruzar-se com outras coisas, reorientar direções, caminhando junto, rumo a um devir incerto.

NOTAS

¹ Entre elas a Lei de Patentes (Lei nº 9.279, de 14 de maio de 1996) e a Lei de Proteção dos Cultivares (Lei nº 9.456, de 25 de abril de 1997), a instituição da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007) e a regularização do Marco Legal da Agrobiodiversidade Brasileira (Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015), influenciadas em certa medida por eventos e documentos internacionais como, por exemplo, a promulgação do Tratado Internacional sobre Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e a Agricultura (TIRFAA).

² Utilizo a grafia em itálico como sinalização dos conceitos nativos. Para marcar os conceitos provenientes da literatura antropológica uso aspas simples. As citações bi-

bliográficas diretas estão sinalizadas com aspas duplas. Alguns períodos encontram-se marcados, simultaneamente, pelo itálico e por aspas duplas. Trata-se das citações diretas de falas orais – derivadas de comunicações pessoais realizadas em fevereiro e março de 2018 – e de documentos escritos que não estão publicados. Os nomes originais dos meus interlocutores, bem como de suas instituições, foram mantidos.

³ Os *macroprogramas* são mecanismos de organização e indução da carteira de projetos por temas, visando garantir a qualidade técnico-científica e o mérito estratégico da programação. Informação retirada do site da Embrapa (<https://www.embrapa.br/>). Último acesso em: 14 de abril de 2018.

⁴ Trata-se do projeto anteriormente mencionado: *Uso e Conservação da Araucária na Agricultura Familiar: o papel da erva-mate e dos sistemas tradicionais de manejo florestal na restauração da Floresta com Araucária* (ARAUCA2).

⁵ *Pai nosso do Ano 2000*. Oração retirada da cartilha *Produzir o Alimento Sagrado e Viver em Comunhão*, do Encontro de Famílias Jubileu da Agricultura Familiar 2000 da Diocese de União da Vitória/Paraná. Autoria: Guilherme Gurski e Família (Agricultor da Comunidade de Pinhalzinho, município de Rio Azul – PR).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru: EDUSC, 2012.

OLIVEIRA, Ana Lúcia de. *A Embrapa e os Sistemas Tradicionais de Produção de Erva-Mate*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos, 2018.

SANTONIERI, Laura Rodrigues. *Agrobiodiversidade e conservação ex situ: reflexões sobre conceitos e práticas a partir do caso da Embrapa/Brasil*. Tese. (Doutorado em Antropologia Social) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

_____. *Cosmopolitiques I*. Paris: La Découvert, 2003.